

# LITERATURA PORTUGUESA

Raquel Teresinha Rodrigues

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

# SUMÁRIO

## Apresentação

Caros alunos,

O objetivo deste *e-book* é discutir e pensar questões sobre a Literatura Portuguesa. Para tal, destacamos dentro do Romantismo duas fases ou etapas que aparentemente possam ser distintas, mas que se interligam quer pelos temas abordados, quer pelos autores envolvidos.

A primeira fase é o Romantismo propriamente dito, em que Alexandre Herculano, com *Eurico, o Presbítero*, fala a respeito do fim do reino Visigodo, configurando, assim, o primeiro Romance Histórico Português, para logo em seguida ser suplantado pelo Romance de Camilo Castelo Branco, *Amor de Perdição*, atingindo assim, o Romantismo o seu ápice e sendo denominado de ultrarromantismo.

Espero que as questões abordadas aqui não sejam tidas como conclusivas, tendo em vista que uma escolha é sempre limitante, mas que sirvam de farol para outras obras da Literatura Portuguesa para assim ampliar o conhecimento que ora iniciamos.

Boas leituras!

## Introdução

A Literatura Portuguesa, que compreende os textos escritos em português, por escritores portugueses, tem em sua origem, textos escritos em Galego-Português e à medida em que avançam os séculos, vamos firmando não somente o idioma, mas também o território se define separando-se da Espanha e a partir de metade do século XIV, há uma fusão do português comum e do literário.

Muito embora a Literatura Portuguesa traga na sua origem Lendas Celtas, Jograis Medievais, etc. a poesia tem um papel de destaque nesse momento. Passados alguns séculos, há na Europa a ascensão do romance, em torno do século XIX.

Assim, optou-se em trabalhar um momento literário Português, o Romantismo que traz como origem do termo uma ligação com a Inglaterra e com a França. Desde a origem o termo recebe os mais variados significados. Aqui usamos para destacar um momento literário em que os sentimentos atingiram o ápice, a sensibilidade chegou no seu mais alto nível.

Embora tenha-se subdividido em duas partes, observa-se que os autores em destaque desde o começo da sua produção apresentavam elementos que garantiram sua permanência nas duas fases do movimento.

Desse modo, fecha-se esse panorama não sem antes lembrar que algumas das ideias-forças presentes na primeira metade do século XIX cruzarão os anos, por vezes atingindo o século XX. Os valores de uma literatura, os que lhe dão autenticidade e autonomia, têm por hábito permanecer, de uma forma ou de outra, e periodicamente se fazem sentir e admirar. (MOISÉS, 1984, p. 23)

## Literatura portuguesa: o romantismo e o romance histórico

Em 1825, é introduzido, em Portugal, com o Poema *Camões*, de Garrett, o romantismo, muito embora, seja ainda, um período muito influenciado pelo espírito árcade.

Para Moisés:

[...] o poema teve o condão de chamar as consciências para a nova literatura da natureza e da melancolia, então em plena moda no restante da Europa, notadamente na França e Inglaterra, regiões que mais exerceram na propagação do movimento romântico. (1984, p. 11)

Ainda segundo Moisés, o romantismo revela grandes prosadores e ele se dá em vários gêneros, tais como romance, novela e contos. Nosso foco é o romance, que para vários críticos, juntamente com o conto, constituem o melhor dessa época, e ele também traz várias raízes temáticas, a campesina, a marítima, a passional e a histórica; e embora tenha sido de muito curto alcance, o romance histórico tem sua importância e que para Moisés, “[...] cedo se esgotou por via de suas intrínsecas estreitezas, viu-se desde logo suplantado pela narrativa em torno da paixão.” (MOISÉS, 1984, p. 19)

O crítico julga esse curto alcance, talvez pelo lastro histórico, que de certa forma estrangulasse a criatividade, ou talvez pelos motivos históricos pobres, ou ainda pelo recuo no tempo que o tenham colocado em segundo plano.

Percebe-se por isso que o quesito essencial para a existência do romance histórico é sua maior fraqueza, e o que corresponde à imaginação do artista, sua maior virtude. E, nos exemplos apontados, sente-se que o historiador quase afoga o romancista com excessivas demonstrações de erudição através de descrições e narrativas de acontecimentos e batalhas. (MOISÉS, 1984, p. 18)

Contudo, o caso de amor não fica aquém da narrativa, ele é que dá o tom e a ligação sentimental que o período suscita. Como um dos representantes desse período, temos Alexandre Herculano.

Alexandre Herculano de Carvalho Araújo, nasceu em Lisboa em 1810 e morreu em Vale dos Lobos em 1877. Depois que o pai morreu, precisou desviar seus interesses de estudo para um curso que lhe desse um emprego mediato. Durante a adolescência teve contato com a obra de vários escritores, dentre eles Schiller e Chateaubriand.



A obra é vasta e vai desde temas ficcionais a escritos voltados para a história de Portugal. Herculano, como nos dizeres de Saraiva (2001, p. 710), foi o romancista que introduziu em Portugal o novo gênero, o romance histórico, influenciado, obviamente, por Walter Scott. Contudo, ele, de certa forma, ao trazer essa inovação, contribuiu para que a novelística portuguesa se iniciasse.

Sobre Alexandre Herculano:



Sobre o Romance Histórico:



## *Eurico, o Presbítero: a tripartição do herói*

*Eurico, o Presbítero*, um herói romântico, se apaixona por Hermengarda, porém esse é um amor impossível, ainda que Eurico seja um herói nacional, essa impossibilidade é imposta pelo desnível social. Assim, lança-se ao sacerdócio, para logo em seguida ser o poeta que compõe os mais belos hinos e o Cavaleiro Negro que luta contra os mouros. Em o prólogo do autor temos:

Para as almas, não sei se diga demasiadamente positivas, se demasiadamente grosseiras, o celibato do sacerdócio não passa de uma condição, de uma fórmula social aplicada a certa classe de indivíduos cuja existência ela modifica vantajosamente por um lado e desfavoravelmente por outro. A filosofia do celibato para os espíritos vulgares acaba aqui. Aos olhos dos que avaliam as coisas e os homens só pela sua utilidade social, essa espécie de insulação doméstica do sacerdote, essa indireta abjuração dos afetos mais puros e santos, os da família, é condenada por uns como contrária ao interesse das nações, como danosa em moral e em política, e defendida por outros como útil e moral. (HERCULANO, NEAD, p. 2)

Essa modificação a que o celibato impõe às almas, é completamente oposta ao que o movimento romântico preconiza, pois o sentimento é o mais importante, nesse momento, não o isolamento. Ainda segundo o Prólogo temos:

Deus me livre de debater matéria tantas vezes disputadas, tantas vezes exaurida pelos que sabem a ciência do mundo e pelos que sabem a ciência do céu! Eu, por minha parte, fraco argumentador, só tenho pensado no celibato à luz do sentimento e sob a influência da impressão singular que desde verdes anos fez em mim a ideia da irremediável solidão da alma a que a igreja condenou os seus ministros, espécie de amputação espiritual, em que para o sacerdote morre a esperança de completar a sua existência na terra. Suponde todos os contentamentos, todas as consolações que as imagens celestiais e a crença viva podem gerar, e achareis que estas não suprem o triste vácuo da soledade do coração.

O autor que procurou fazer uma tese sobre o tema, e em nota alerta que nem ele sabe classificar esse livro, não quer rivalizar com os doutores da igreja se intitula de fraco argumentador, então, justifica a falta de informações que possam comprovar sua tese, com a informação que pensa o assunto à luz do sentimento e assim se insere no movimento literário ora posto, ou seja, o romantismo, que não pode ser pensado fora da emoção e das questões voltadas para o coração.

Continuando a leitura do Prólogo temos a visão que Herculano tem da mulher.

Dai às paixões todo o ardor que puderdes, aos prazeres mil vezes mais intensidade, aos sentidos a máxima energia e convertei o mundo em paraíso, mas tirai dele a mulher, e o mundo será um ermo melancólico, os deleites serão apenas o prelúdio do tédio. Muitas vezes, na verdade, ela desce, arrastada por nós, ao charco imundo da extrema depravação moral; muitíssimas mais, porém, nos salva de nós mesmos e, pelo afeto e entusiasmo, nos impele a quanto há bom e generoso. Quem, ao menos uma vez, não creu na existência dos anjos revelada nos profundos vestígios dessa existência impressos num coração de mulher? E por que não seria ela na escala da criação um anel da cadeia dos entes, presa, de um lado, à humanidade pela fraqueza e pela morte e, do outro, aos espíritos puros pelo amor e pelo mistério? Por que não seria a mulher o intermédio entre o céu e a terra?

As mulheres têm um papel primordial no Romantismo, elas eram intocáveis e idealizadas, objetos de admiração dos poetas românticos, muitas vezes eram atribuídas a elas características que as aproximavam da natureza, ao atribuírem a elas qualidades como pura, virginal e frágeis.

Contudo, segundo Herculano, aos que não foram dadas a compreensão e a companhia desse ser, aos que não puderam se juntar a elas pelo matrimônio, esses têm as suas almas pela metade, é o que nos diz na sequência do Prólogo:

Mas, se isto é, ao sacerdote não foi dado compreendê-lo; não lhe foi dado julgá-lo pelos mil fatos que no-lo têm dito a nós os que não juramos junto do altar repelir metade da nossa alma, quando a providência no-la fizesse encontrar na vida. Ao sacerdote cumpre aceitar esta por verdadeiro desterro: para ele o mundo deve passar desconsolado e triste, como se nos apresenta ao despovoarmo-lo daquelas por quem e para quem vivemos.

A história das agonias íntimas geradas pela luta desta situação excepcional do clero com as tendências naturais do homem seria bem dolorosa e variada, se as fases do coração tivessem os seus anais como os têm as gerações e os povos. A obra da lógica potente da imaginação que cria o romance seria bem grosseira e fria comparada com a terrível realidade histórica de uma alma devorada pela solidão do sacerdócio.

Essa crônica de amarguras procurei-a já pelos mosteiros quando eles desabavam no meio das nossas transformações políticas. Era um buscar insensato. Nem nos códices iluminados da Idade Média, nem nos pálidos pergaminhos dos arquivos monásticos estava ela. Debaixo das lápides que cobriam os sepulcros claustrais havia, por certo, a muitos que a sabiam; mas as sepulturas dos monges achei-as mudas. Alguns fragmentos avulsos que nas minhas indagações encontrei eram apenas frases soltas e obscuras da história que eu buscava debalde; debalde, porque à pobre vítima, quer voluntária, quer forçada ao sacrifício, não era lícito o gemer, nem dizer aos vindouros:

– “Sabei quanto eu padeci!”

E, por isso mesmo que sobre ela pesava o mistério, a imaginação vinha aí para suprir a história. Da ideia do celibato religioso, das suas consequências forçadas e dos raros vestígios que destas achei nas tradições monásticas nasceu o presente livro.

Desde o palácio até a taberna e o prostíbulo, desde o mais esplêndido viver até o vegetar do vulgacho mais rude, todos os lugares e todas as condições têm tido o seu romancista. Deixai que o mais obscuro de todos seja o do clero. Pouco perdereis com isso.

O Monasticon é uma intuição quase profética do passado, às vezes intuição mais dificultosa que a do futuro.

Sabeis qual seja o valor da palavra monge na sua origem remota, na sua forma primitiva? É o de – só e triste. Por isso na minha concepção complexa, cujos limites não sei de antemão assinalar, dei cabida à crônica-poema, lenda ou o que quer que seja do presbítero godo: dei-lha, também, porque o pensamento dela foi despertado pela narrativa de certo manuscrito gótico, afumado e gasto do roçar dos séculos, que outrora pertenceu a um antigo mosteiro do Minho.

O Monge de Cister, que deve seguir-se a Eurico, teve, proximamente, a mesma origem.

**Ajuda – novembro de 1843. (HERCULANO, NEAD, p. 1-3)**

Campedelli (1998, p. 3) diz que este homem obstinado, rude, mas ao mesmo tempo sensível e dominado por uma paixão devoradora, tem como imposição o celibato sacerdotal, e fica o tempo todo se lembrando da amada, esse homem é a personagem paradoxal dessa obra, sem definição pelo próprio autor. Talvez daí venha a indefinição também da personagem.

É o próprio autor quem não sabe classificar esse livro. Contudo, a tese que queria, inicialmente, comprovar, só será completada à luz do sentimento, fazendo assim a conexão com o movimento romântico.

Harry Bernstein (2015, p. 158), no texto *A expressão do sagrado em Herculano*, diz que Eurico é um romance do eu, do orgulho ferido, tendo em vista que a partir do capítulo IV, o livro é escrito em primeira pessoa.

Para Buescu (2015, p. 167), Eurico é solitário familiar, amoroso, guerreiro, afetivamente falando, só restando a esse marginal solitário, como o denomina, a preparação para o seu último ato, que é o suicídio, do qual não há retorno.

Porém Campedelli diz que mesmo sendo rico em fatos, há quase um sufocar da razão do título, que é o ingresso da personagem no presbitério, para ela, esse amor frustrado leva a toda a ação, e ironicamente Hermengarda que é a razão da paixão participa muito pouco, ao que conclui: “[...] o que sobressai, portanto, no romance? Sobressai a luta entre godos e árabes, o domínio da península, as tramas todas de traição e de fidelidade à causa gótica. Nesse aspecto, sem dúvida, o romance é impecável.” (CAMPEDELLI, 1998, p. 4)

O livro *Eurico, o Presbítero*, você pode encontrar em:



Assista ao vídeo da RTP ensina:



Você sabia que Alexandre Herculano escreveu uma adaptação da narrativa intitulada *A Lenda da Dama Pé-de-Cabra* que é um texto que figurava no Nobiliário do Conde D. Pedro e que se assemelha muito aos contos orais portugueses?



## Ultrarromantismo

Pires (2015, p. 277) diz que embora o período seja caracterizado por uma desmesura emocional, tal fato não configura exclusividade desse período, pois a divisão entre romantismo e ultrarromantismo, de certa forma, é curiosa, tendo em vista que em vários escritores, dentre eles Garrett e Herculano, trazem traços de elementos considerados ultrarromânticos. Herculano é um nome forte na estética ultrarromântica e Pires reforça o papel de constituidor da sensibilidade do período.

Essa extensão do movimento romântico, se desenvolveu em torno de cidades como Porto e Coimbra tendo como protagonistas escritores muito jovens e um pouco exagerados em relação ao que propunha o romantismo. Dentre esses jovens, como foi dito, encontram-se Herculano, Garrett, Castilho e Camilo Castelo Branco.

Camilo Castelo Branco é considerado, juntamente com a sua obra, quer pela extensão, quer pelo público que atingiu, como uma grande personalidade do período. Nasceu em Lisboa, em 1825, escritor de vida atribulada, que dizem ter muitas vezes, servido de inspiração à própria obra.

Como escritor de língua portuguesa, foi o primeiro a viver de seus escritos. Sua paixão tórrida por Ana Plácido o leva à cadeia, pois ele a sequestra, sendo ambos capturados logo a seguir. Dessa experiência, nasceu *Memórias do Cárcere*.

Com Ana Plácido tem dois filhos e ainda cria um outro que é supostamente do outro casamento de Ana; sofre de sífilis e a consequência é a cegueira, e posteriormente o suicídio, tendo em vista o diagnóstico tão terrível.

Coelho diz que Camilo tem dois posicionamentos diante da obra, uma para a poesia e outra para a ficção. Em relação à poesia, liga-se à dor, à melancolia e ao isolamento. Porém, se mostra de forma diferente diante da ficção, pois exige do gênero verdade:

Camilo deplorava que os romances portugueses não fossem nem 'pouco ou muito parecidos com o viver da sociedade', que a ficção portuguesa de assunto contemporâneo pouco se demorasse 'na difícil tarefa de copiar a natureza' [...]. (PRADO, 2015, p. 239)

Em *Amor de Perdição*, uma novela passional, há uma narrativa que gira em torno do amor entre Simão Botelho e Teresa de Albuquerque. Como os pais não se davam, o amor era proibido. Simão, ao tentar levar Teresa, fere um homem e se esconde na casa de um ferreiro. A comunicação entre o par amoroso é feita por meio de cartas e eles contam com a ajuda de Mariana, a filha do ferreiro, para que a comunicação se efetive.

Contudo, Mariana se apaixona por Simão e este é condenado ao degredo e mandado à Índia. Teresa morre no convento, Simão morre no navio e Mariana que decidiu acompanhá-lo, ao ver o corpo do amado ser sepultado no mar, se joga no mar, morrendo.

Segundo Castro:

*O Amor de Perdição* de novo fornece exemplo muito significativo. Recordemos como a presença de Mariana junto de Simão a caminho do exílio e a sua morte na viagem, elementos introduzidos na diegese apenas pelo trabalho de imaginação do Autor, são indispensáveis para a organização estrutural do discurso que veicula a história, em ordem à catástrofe final. (CASTRO, 2015, p. 244)

Essa novela suscita muitas interpretações, mas Coelho (2015, p. 255) ressalta que ela reúne elementos típicos do que ele chama multividência que tem raízes na cultura portuguesa, que dentre eles se destacam o sentimento de destino e a atmosfera carregada de presságios.

O Livro *Amor de Perdição* você encontra em:



Sobre *Amor de Perdição* assista RTP ensina:



## Referências

- BERNSTEIN, H. A expressão do sagrado em Herculano. In: REIS, C.(dir.); PIRES, M. N. *História e crítica da literatura portuguesa*. Lisboa: Verbo, 2015, vol. V, p. 154-160.
- BUESCU, H. C. Uma figura: o herói. In: REIS, C.(dir.); PIRES, M. N. *História e crítica da literatura portuguesa*. Lisboa: Verbo, 2015, vol. V, p. 165-167.
- CAMPEDELLI, S. Y. Eurico, o poeta, cavaleiro, amante. In: HERCULANO, A. *Eurico, o Presbítero*. São Paulo: Ática, 1998, p. 3-4.
- CASTRO, A. P. Realidade e ficção na novela camiliana. In: REIS, C. (dir.); PIRES, M. N. *História e crítica da Literatura portuguesa*. Lisboa: Verbo, 2015, vol. V, p. 240-246.
- COELHO, J. P. inícios da carreira literária. In: REIS, Carlos (dir.); PIRES, M. N. *História e crítica da literatura portuguesa*. Lisboa: Verbo, 2015, vol. V, p. 238-240.
- HERCULANO, A. *Eurico, o Presbítero*. São Paulo: Ática, 1998.
- \_\_\_\_\_. Eurico, o Presbítero. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00010a.pdf>. Último acesso em agosto de 2018.
- REIS, C. (dir.); PIRES, M. N. *História e crítica da Literatura portuguesa*. Vol. V. Lisboa: Verbo, 2015.
- SARAIVA, A. J.; LOPES, O. *História da literatura portuguesa*. Lisboa: Porto, 1990.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO  
PARANÁ - UNICENTRO**

**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sonia Merith Claras  
**Coordenador Geral Curso**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida Crissi Knuppel  
**Coordenadora Geral NEAD / Coordenadora Administrativa do  
Curso**

Prof<sup>a</sup>. Ms<sup>a</sup>. Roziane Keila Grando  
**Coordenador de Tutoria**

Prof<sup>a</sup>. Ms<sup>a</sup>. Marta Clediane Rodrigues Anciutti  
**Coordenadora de Programas e Projetos / Coordenadora Pedagógica**

Espencer Gandra  
Murilo Holubovski  
**Designers Gráfico**

Alain W. / Noun Project  
Arcaion / Pixabay  
Aybige / Noun Project  
Kjpargeter / Freepik  
**Elementos gráficos**